

assim, novos espaços habitados, porém de forma bastante desordenada. Surgem então os primeiros bairros ao redor do centro da cidade ou a partir da Avenida D. Pedro II, a exemplo do bairro Santa Terezinha, São Manoel e Nordeste.

Na década de 1930 as áreas norte e nordeste da cidade estavam quase que totalmente habitadas e através da inauguração da estrada de ferro Mulungu-Alagoa Grande, a cidade passa por uma expressiva transformação expansiva no sentido sul. O motivo do caráter socioeconômico verificado no primeiro quartel do século XX obrigou um crescimento acelerado (Plano de Desenvolvimento Urbano, 1987).

Nesse momento a população era de 25.945 habitantes; dez anos depois, em 1950 a população chegou a 31.918 habitantes; em 1960 ocorre um decréscimo 28.423 habitantes; já em 1970 passa a 34.919 habitantes e em 1980 se concentrava em 42.379 habitantes (Censo Demográfico, 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980).

Ainda fazendo referencia ao PDU (1987), do fim da década de 60 para início dos anos 70 do século XX todos os bairros tiveram novas áreas de ocupação como por exemplo, os Bairros do Nordeste, São José e Centro. Os serviços de educação e saúde tornaram-se escassos. Com a chegada do asfalto em 1972 provoca o adensamento das localizações em direção: ao Rio Guarabira; sudeste, rodovias PB-055; noroeste, PB-057, Campus universitário e loteamentos Fernando C. Lima e Areia Branca; em direção ao asfalto surgem na década de 80, os bairros Bela Vista, Rosário, São José e Bairro Novo; para o sudoeste, Conjuntos habitacionais populares.

Apesar de algumas localidades serem consideradas bairros, Bezerra (2010) afirma que:

O município de Guarabira não possui bairros oficialmente instituídos não há, portanto, nos órgãos públicos, um decreto legislativo ou uma lei que comprove oficialmente a data de surgimento de nenhum bairro da cidade. Desse modo, é inexistente a definição exata da data de fundação, da delimitação, da nomeação dos bairros mais antigos, da área ou do perímetro de um bairro (BEZERRA, 2010, p. 35).

Os bairros são os lugares de áreas de interesse urbano. Com a expansão da malha urbana e devido ao crescimento físico e demográfico da cidade os problemas tornaram-se visíveis. Hoje a cidade de Guarabira tem uma área territorial de 165,743 Km², com uma população de 55.326 habitantes e densidade demográfica de 333,8 habitantes/km² (Censo Demográfico, 2010). A estruturação física do seu aglomerado urbano é privilegiada por aspectos urbanos, de elementos construídos que deixam de lado as áreas verdes para satisfazer as necessidades do homem capitalista.

Ao se tratar da caracterização do ambiente urbano de Guarabira, evidencia-se que hoje a cidade vem crescendo de forma rápida com o aparecimento de vários loteamentos, condomínios, onde havia uma variedade de espécies vegetais e que daqui a alguns anos iremos verificar uma nova paisagem. Atualmente, existem seis novos loteamentos: Monte das Oliveiras II, Sol Nascente, Dona Adália, Pouso das Garças, Edward Rocha, desde populares, até aqueles que satisfazem à classe média/alta local, como por exemplo, o loteamento Serra da Luz. Cada loteamento traz em si a valorização dos espaços e o crescimento dos bairros em que estão inseridos.

Além desse novo crescimento para os locais distantes do centro urbano, tem-se como evidência o crescimento vertical do centro da cidade com a implantação de grandes lojas, magazines e serviços. Já os bairros, com o passar dos anos e a melhoria das condições humanas e financeiras, também vão adquirindo características mais modernas. A grande diferença está na estrutura dos terrenos, ou seja, na ocupação das diferentes formas de relevo, passando de uma declividade acentuada para áreas planas e com mais estrutura.

Nesse contexto, há uma expansão muito forte e isso faz com que haja cada vez mais migrações campo-cidade e novas invasões em direção às áreas urbanas. Além do surgimento dessas novas áreas de habitação, têm-se os locais de moradia irregulares, que crescem de maneira espantosa e comprometedoras nas vertentes e topos dos morros, referidos nos estudos de Silva (2004), tais como o Morro Alto da Boa Vista, Santa Terezinha, Serra da Jurema, Monte Virgo e Sítio Novo, além dos Morros do Formigueiro e Cuscuz, Vila Padre Cícero, Rabo da Lacraia e Buraco do Afonso.

Ainda de acordo com a autora, afirma ser nessas áreas um número populacional bastante concentrado e a grande consequência se refere ao desmatamento; alteração da temperatura; comprometimentos das espécies animal e vegetal e desestruturação dos solos, por conta do percentual de habitantes residentes e suas habitações.

Assim, acelera-se a movimentação e desestruturação das rochas, a alteração no escoamento das águas de superfície e de subsuperfícies, e a impermeabilização dos solos, pela remoção ou desestruturação da cobertura vegetal e a introdução de substâncias químicas, entre outros (ARRUDA, 2003).

Para esses tipos de pressões ambientais Casseti (1991) afirma:

Ao se procurar abordar as derivações ambientais processadas pelo homem, deve-se entender que tudo começa a partir da necessidade de ele ocupar determinada área, que se evidencia pelo relevo, ou mais especificamente, individualiza-se pelo elemento do relevo genericamente definido por vertentes.

Assim, a ocupação de determinada vertente ou parcela do relevo, seja como suporte ou mesmo recurso, conseqüentemente responde por transformação do estado primitivo, envolvendo desmatamento, cortes e demais atividades que provocam as alterações de exploração biológica e se refletem diferentemente no potencial ecológico (CASSETI, 1991, p. 33).

Dessa forma, Barros (2004), a respeito das transformações e conseqüências do ambiente urbano imposto pela sociedade, indaga que:

Essa dinâmica, produto de um modelado de desenvolvimento urbano marcado pela exclusão e segregação das famílias mais pobres da população, forçou importantes segmentos populacionais a ocuparem ilegalmente espaços impróprios para habitação, como encostas íngremes, várzeas inundáveis, beiras de rio e cursos d'água, áreas de proteção de mananciais, áreas costeiras e de estuário. Isso ocorre principalmente por meio de moradias precárias e em regiões carentes de infraestrutura (BARROS, 2004, p. 269).

Uma alternativa para solucionar o problema de falta de moradia em Guarabira é ocupar locais mais elevados da cidade, pois mesmo tendo espaços nas áreas perto do centro urbano existem muitas pessoas, que não têm condições de habitar nesses lotes. Os próprios moradores não têm a consciência dos riscos, que podem estar passando a cada dia de suas vidas.

Portanto, através das informações acima descritas mostra-se que a atual cidade de Guarabira vem revelando uma realidade distinta, assim como tantas cidades no Brasil ou mesmo no Estado da Paraíba, pois é através da apropriação do relevo que há uma descaracterização das estruturas ambientais com espaços adensáveis ou não.

4.2 Formação do espaço urbano de Guarabira

A cidade, que surgiu como uma pequena vila foi ganhando com o tempo uma formação urbana, através de sua localização e extensão territorial significativa, além da organização populacional, tanto dos moradores da região, quanto daqueles vindos de outras áreas para fixar moradia. A partir desses aspectos, veio consigo uma herança histórica e cultural.

O crescimento que marcou a evolução de sua urbanização não foi apenas o polo comercial, mas também a chegada do transporte ferroviário, o qual deu um verdadeiro salto e impulso para o crescimento urbano.

Durante séculos o território hoje pertencente à Guarabira foi se configurando, expandindo e adquirindo cada vez mais desenvolvimento. Assim, como tantas outras cidades brasileiras, que tiveram suas expansões nos arredores de igrejas católicas, Guarabira não poderia ser uma exceção. As casas começaram a surgir lentamente nas áreas próximas à igreja matriz, formando ruas estreitas com casarões que lembram a arquitetura portuguesa. A área compunha a parte mais plana e baixa da cidade, sendo rodeada por vários morros e pela Serra da Jurema.

No início do século XX uma das lagoas mais próximas da Igreja Matriz teve que ser aterrada, pois atribuíram às suas águas contaminadas a proliferação de doenças sobre a população, entre elas o impaludismo e a dengue (MELO, 1999). Nessa área existiam lagoas e o rio Guarabira corria livremente cortando a cidade de leste a oeste.

Até 1940, Guarabira não tinha característica urbana, mas o quadro começou a mudar, através da procura por melhores condições de vida. A população que era predominantemente rural começou a se dispersar a partir do êxodo rural, reflexo da dificuldade do homem no campo (PDU, 1987). Assim, a urbanização ocorreu não só devido ao êxodo rural, mas também pela concentração das atividades produtivas e migrações intermunicipais. Sendo que essas taxas de urbanização se mostram superiores às taxas brasileiras, comprovando a alta aceleração da urbanização.

Acontece que o município não estava preparado para receber tantos moradores em curto espaço de tempo, o que resultou na atual desordem no crescimento urbano, com déficit de moradia e serviços básicos, invasão de áreas impróprias para ocupação, aumento de favelas e segregação humana.

Para minimizar tais problemas, no final da década de 40, o Prefeito Sabiniano Maia iniciou as obras do Mercado Municipal, construção de grupos escolares, Hospital do SESP- Serviço de Saúde Pública, entre outros (PDU, 1987).

Segundo Camelo de Melo (1999) no início da década de 50, Augusto de Almeida, o atual prefeito da época, deu grande contribuição ao crescimento urbano da cidade, através de suas obras, tais como: extensão da rede elétrica aos bairros da cidade; calçamento a paralelepípedo nas ruas centrais, além das travessas; abertura de estradas vicinais, ligando a sede do município aos demais povoados; terraplanagem e conservação das estradas ligando aos demais municípios vizinhos; construção da Praça João Pessoa; construção de galerias pluviais em uma área 430,40 m; abastecimento d'água à população; construção do muro de arrimo às margens do rio Guarabira, entre outros (Fotos 5 e 6).



**Fotos 5 e 6: Obras de melhorias na infraestrutura da cidade em 1950/ Guarabira-PB.
Fonte: Arquivo Centro de Documentação Coronel João Pimentel.**

Nesse momento o aglomerado já poderia ser considerado com características urbanas. O fenômeno de urbanização foi se desenvolvendo, evidenciando uma taxa de urbanização de 12,56% (IBGE, 1950). As residências começaram a ser construídas com mais frequência tomando conta das novas áreas.

Se há décadas atrás, a cidade se expandiu apenas nas proximidades da igreja Matriz e antiga lagoa aterrada, agora se evidencia um novo sentido, próximo ao principal rio Guarabira. A população de baixo poder aquisitivo se aglomerou nas margens do rio por causa das condições de sobrevivência, que poderiam obter, tanto para alimento, quanto para abastecimento, além de servir como área de lazer. Nota-se que tal sobrevivência teve e ainda tem um alto custo para o próprio rio, hoje reduzido a um simples canal de liberação de efluentes.

De acordo com os estudos desenvolvido por Arruda et al (2010) o nível de poluição do Rio Guarabira se agravou devido a presença de resíduos sólidos e líquidos lançados pela população ribeirinha, onde a má qualidade da água compromete a vida dos moradores, que moram próximo ao curso do rio (Fotos 7 e 8).



Fotos 7 e 8: Moradores ribeirinhos e a poluição do Rio Guarabira em 2010. Bairro Santa Terezinha/ Guarabira – PB
Fonte: Arquivo pessoal da autora (junho, 2010).

O fato da cidade estar em constante crescimento, na década de 70 do século XX, os donos de terras acabaram loteando alguns metros quadrados de suas terras e vendendo, mas sem se preocupar com as condições ambientais do terreno. Assim, especulados espaços em áreas muito baixas, sujeitas a alagamentos, vertentes de morros, topos de morros, áreas ao longo do rio Guarabira que ocasionou desmatamentos, assoreamentos e processos erosivos (SILVA, 2004).

Concomitantemente ao aumento do número de residências, pontos comerciais foram surgindo, se expandindo muito mais do que as cidades vizinhas, o que fez com que Guarabira passasse a ser mais procurada pelas populações dos municípios vizinhos, processo que evidenciou o crescimento urbano e o aparecimento de novas áreas para habitação. Nesse processo vários bairros se configuraram, a saber: Esplanda, São José, Nordeste I, II, Primavera, Bairro Novo, etc.

Através do poderio político e econômico, Guarabira passou a ser o pólo comercial dos municípios vizinhos, devido a sua centralidade territorial. A partir disso, Guarabira é um território polarizador de outros territórios, influenciando e sendo influenciado pelas mudanças expressivas (LUCENA e MARIANO NETO, 2010).

Tais ações acabaram por contribuir danos ambientais por não haver um planejamento ambiental e leis que cobrassem dos autores de crimes ambientais resolução dos agravos cometidos por eles.

4.3 O surgimento dos aglomerados subnormais de Guarabira

Se for analisar, no que se refere ao surgimento de aglomerados subnormais na cidade de Guarabira, houve sempre um marco de aglomeração periférica, já que a mesma cresceu de forma desigual e desordenada. Então, o que se pode constatar é que houve um período de grande explosão desses ambientes em uma dada época.

Por si só estes aglomerados trazem grandes contrastes e semelhanças peculiares em relação às outras áreas de Guarabira. A existência das pressões ambientais são pontos negativos em toda a dinâmica desses ambientes. Não se pode esquecer que os moradores são os grandes responsáveis pelas alterações geradas.

Nota-se, que o território guarabirense obteve uma configuração de espaços para residências, comércio e serviços. Ao se tratar do uso e apropriação do solo urbano houve uma divisão de espaços: Bairros próximos ao centro e bairros distantes do centro. A localização dos espaços sem infraestrutura tomou uma grande dimensão. Cresceram a partir do abandono do poder público local e por questões de cunho evidentemente de exclusão.

A distribuição das unidades habitacionais por estado de conservação e padrão de construção da cidade de Guarabira caracterizou-se pelo estado de conservação, divididos em muito bom, bom, regular e ruim; padrão de construção, alto, normal, baixo e subnormais (PDU, 1987). Então, o fato de algumas áreas se considerarem subnormal, significa que houve um uso indevido do solo urbano.

Nesse contexto, ao analisar o Mapa Urbano de Guarabira, desenvolvido pela equipe técnica do PDU da cidade, algumas áreas dos aglomerados subnormais existentes hoje já existiam, mas não com a denominação que têm hoje, os quais se localizavam próximo ao centro da cidade, tais como: Conjunto Frei Damião de Bozzano e Rabo da Lacreia (Figura 3).

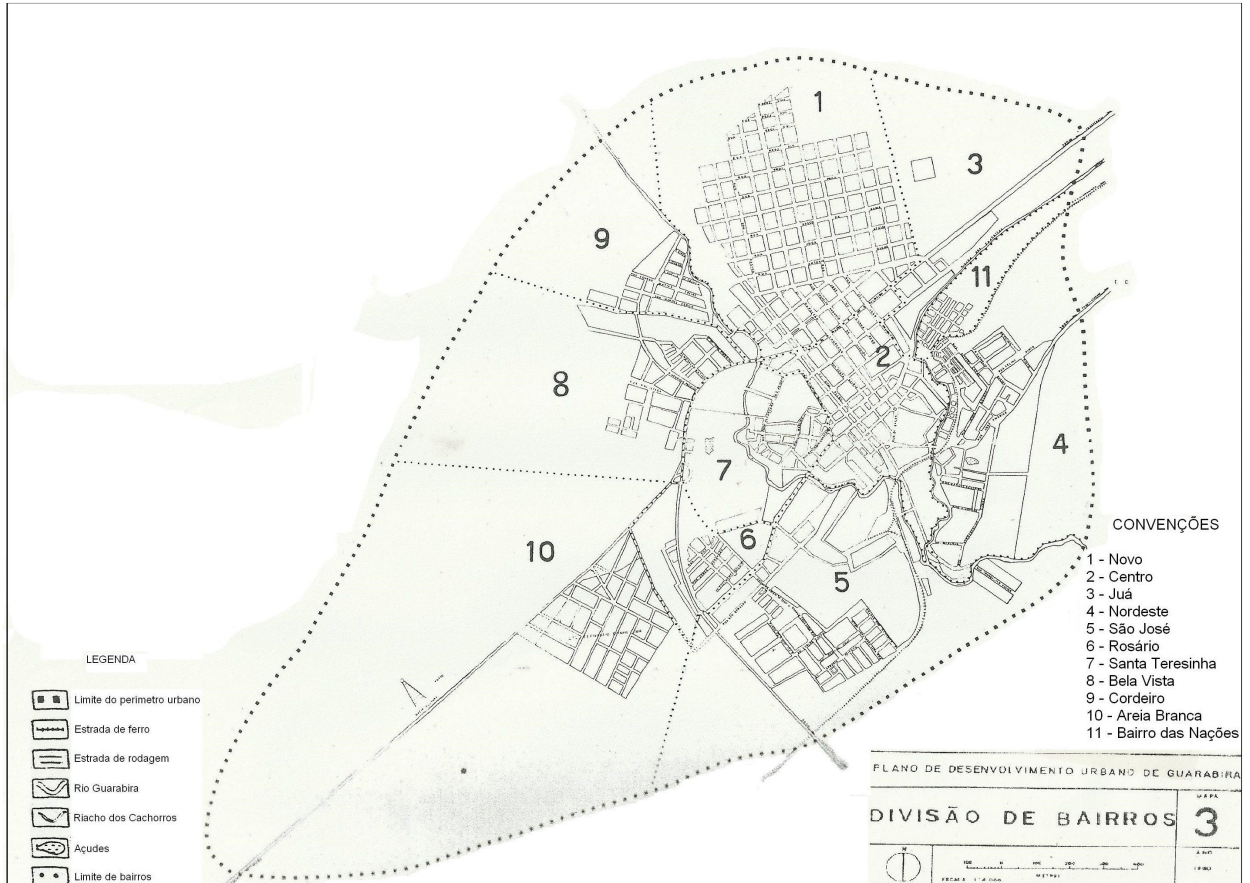


Figura 3: Divisão dos bairros da cidade de Guarabira na década de 1980/ Guarabira-PB.
Fonte: PDU (1980).

A localidade da Faixa da Pista já se encontrava em seu processo de organização. Logo, com o passar das décadas, surgiram as outras áreas periféricas: Buraco do Afonso, Rabo da Lacraia, Conjunto Nossa Senhora Aparecida, Morro do Cuscuz, Encruzilhada, Conjunto Lucas Porpino, Conjunto Mutirão, Conjunto Antônio Mariz, Vila Padre Cícero e Morro do Formigueiro, Conjunto Ana Kelly. Os conjuntos foram criados apenas para melhorar a situação do déficit habitacional, que se encontravam estas populações e Bairro Alto da Boa Vista, área recentemente ocupada.

O surgimento desses aglomerados não estão inseridos nessa ordem cronológica e muito menos surgiram da noite para o dia, pois conforme a cidade crescia eles iam surgindo e não se sabe ao certo do tempo de origem. Já que o IBGE, a CAGEPA, a SAELPA e outros órgãos tratam como setores e não bairros constituídos. E muitos receberam denominações pelo fato da própria Prefeitura Municipal em resolver o problema de moradia deu um nome a cada área melhorada e pavimentada para que, não houvesse tanto desprezo por parte da população Guarabirense e houvesse uma denominação para identificar cada área.

Guarabira possui atualmente 15 bairros, 12 conjuntos habitacionais e vários aglomerados subnormais, onde a partir do crescimento desordenado comprometeram as condições físicas do ambiente urbano, assim como a paisagem urbana dos aglomerados populacionais. São nessas localidades pelos quais existem tantas pressões impostas ao meio ambiente, como por exemplo, diversos tipos de poluição, destruição dos recursos naturais, taxas elevadas de desemprego e alto índice de violência por parte dos próprios moradores (Figura 4).



Figura 4: Divisão dos bairros da cidade nos dias atuais/ Guarabira-PB.
Fonte: Mapa Urbano de Guarabira (2005).

Estudar ambientes de áreas de risco como, por exemplo, os locais periféricos de uma cidade, é tentar entender as eventuais transformações de uma paisagem, de um lugar e de um espaço. É necessária ainda a observação direta dos impactos pelos quais a população convive. Além da conscientização que pode ser feita às pessoas residentes nessas localidades, mediante suas atitudes.

O modo em que as cidades crescem compromete, sobremaneira, a qualidade de vida dos cidadãos. Nota-se, portanto uma eventual segregação entre o centro e os aglomerados subnormais na cidade de Guarabira.

4.4 Aglomerados subnormais em áreas de relevo ondulado

As áreas em evidência em ambientes de relevo ondulado se referem aos aglomerados subnormais: Bairro Alto da Boa Vista, Buraco do Afonso, Morro do Cuscuz, Vila Padre Cícero, Morro do Formigueiro e Rabo da Iacraia.

O fato da cidade ter, a cada dia, lotes mais caros e valorizados nas mediações do centro urbano, fez com que os novos moradores procurassem as áreas periféricas por não se ter condições financeiras, criando assim espaços sem controle de fiscalizações das secretarias destinadas à infraestrutura, planejamento e meio ambiente da cidade.

São justamente em áreas de maiores elevações que as pressões ambientais são mais significativas. Geralmente a população de baixo poder aquisitivo procura áreas desfavoráveis para moradia devido ao baixo custo dos lotes ou mesmo se apossam da terra. Através desse feito, os locais periféricos concentram um grande percentual de número de residentes e problemas socioambientais.

As maiores incidências da presença de pressões ambientais estão nesses espaços por ter um número considerável de moradores e suas interferências ao meio. Não têm muitas vezes uma condição salutar favorável aos seus residentes. Têm como ocorrências em áreas irregulares, muitas vezes em áreas de morro, encostas, faixas de rodovias, margem de rios, entre outros.

4.4.1 BAIRRO ALTO DA BOA VISTA

O Bairro Alto da Boa Vista localiza-se à noroeste de Guarabira, limita-se ao norte com o Sítio Quatí, ao sul com o Bairro do Cordeiro, à leste com a Fazenda Doutor Edgar e à oeste com o Bairro da Primavera (MELO, 2007). Sua altitude corresponde a 115 metros e se localiza em uma das principais vertentes da cidade, conhecida como Alto da Boa Vista (Fotos 9 e 10).



Fotos 9 e 10: Vista Parcial e panorâmica do Bairro Alto da Boa Vista/ Guarabira-PB.
Fontes: ARRUDA (Junho, 2003); da autora (Fevereiro, 2011).

O Alto da Boa Vista apresenta alto índice de construções, anteriormente referido nas pesquisas de Silva (2004). A localidade abriga cerca de 985 residências, num total de 422 famílias, com população de aproximadamente 1.688 moradores. Tais dados foram obtidos na Unidade Básica de Saúde Iracema da Silva Pontes, Programa de Saúde da Família (PSF), posto de saúde em que as famílias são assistidas.

De acordo com o depoimento da moradora Josefa Inácio de França de 73 anos, aposentada, moradora do bairro desde o seu surgimento, aproximadamente dezessete anos atrás, antes das construções das casas existia no local criação de animais e roçados, onde plantavam inhame, batata, feijão guandu e macaxeira. Com a compra de lotes muitas pessoas perderam suas plantações, que foram arrastadas pelas máquinas utilizadas no processo de construção de casas, sendo muitas dessas habitações construídas com taipa e posteriormente substituídas por alvenaria.

Segundo os moradores entrevistados as terras pertenciam à família Cordeiro e com o passar dos anos foram surgindo lotes para a compra, tanto por moradores vindos de outros bairros, quanto pela prefeitura, que doou terrenos para as pessoas carentes. O lugar é popularmente conhecido como “os sem terra”, devido os donos de roçados, que foram contra a construção de casas na área.

O aglomerado cresceu em uma área com declividade acentuada, mas mesmo assim tem em sua maioria ruas amplas e pavimentadas e parte delas têm rede de esgoto, mas os moradores não fizeram a ligação. O aglomerado é assistido por alguns

prédios públicos como: Escola Municipal, Posto de Saúde e Posto Policial, além de rede de abastecimento de água, coleta de lixo e energia elétrica. Não é uma população carente, pois os mesmos são assalariados, comerciantes ou agricultores. O índice de violência está presente no bairro, através de furtos e roubos.

A pressão ambiental imposta pela população desse aglomerado é bastante visível. Uns dos grandes problemas socioambientais são: crescimento desprovido sem nenhum planejamento; habitações construídas em locais impróprios; retirada da vegetação; erosão do solo; cultivo inadequado da terra; falta de pavimentação, que acarreta a lixiviação e o aparecimento de ravinas e escoamento superficial em direção às moradias; má estrutura das casas, esgoto a céu aberto, lixo depositado de qualquer maneira e sua queima, poluição de águas superficiais (Fotos 11 e 12).



Fotos 11 e 12: Rua Ozório Nóbrega de Oliveira e Rua Heloisa Araújo de Lima. Alto da Boa Vista/ Guarabira-PB.

Fonte: da autora (Fevereiro, 2011).

O fato da insalubridade se fazer presente na área tem-se como consequências imediatas as possíveis doenças, como por exemplo, a dengue. No início de 2011 foram registrados no PSF 10 casos de dengue, fora os casos que foram registrados apenas no hospital regional da cidade.

O Alto da Boa Vista é o segundo ponto de passagem do Rio Guarabira. No trecho dessa aglomeração o rio sofre com o assoreamento em decorrência da retirada da vegetação pela população, ocasionando deslizamentos e formando bancos de areia.

Outro agravante, que não pode deixar de ser mencionado seria da má utilização do solo para plantio de culturas. Os agricultores utilizam para o plantio as áreas mais elevadas devido às mais baixas terem sido ocupadas por casas. Ao plantar em locais desfavoráveis, o agricultor contribui ainda mais com a formação de ravinas e voçorocas ao longo das vertentes (SILVA, 2004).

Uma cidade vive em constante dinamismo e da mesma forma seus bairros. O Alto da Boa Vista é mais um exemplo de um lugar que passa pelo processo de expansão desordenada.

4.4.2 BURACO DO AFONSO

O Buraco do Afonso é um aglomerado que está inserido no Bairro do Nordeste I, na porção leste de Guarabira e altitude de 116 metros. O lugar tem um número aproximado de 72 residências e uma população de 288 moradores (Fotos 13 e 14).



Fotos 13 e 14: Rua Pedro Franselino e Rua Carlos Espinola. Buraco do Afonso. Bairro do Nordeste I/ Guarabira-PB.

Fonte: da autora (Janeiro, 2011).

O nome do aglomerado - Buraco do Afonso homenageia um morador desta localidade, o senhor Afonso, dono de lotes, que por certo tempo foi vendendo suas terras para pessoas, que queriam moradia. O terreno era muito ruim e parecia um verdadeiro buraco. As primeiras casas eram de taipa e com o passar dos anos foram

dando lugar a casas de alvenaria. Algumas dessas habitações de péssimas estruturas ameaçavam cair, daí a prefeitura doou casas para quem necessitava e ainda existem moradores, que não foram beneficiados e vivem em casas precárias de aluguel. Esta denominação é vista por moradores de outros bairros de forma discriminada.

Trata-se de um lugar de terreno acidentado, o qual cresceu de maneira irregular e sem a fiscalização de órgãos competentes. O aglomerado tem pouca infraestrutura, as ruas são desalinhadas estreitas, onde predominam ruelas e becos, sem rede de esgoto nem coleta de lixo. As calçadas são estreitas e com pouca arborização.

O bairro é assistido de luz elétrica e água tratada, mas tratam-se de serviços muito falhos, pois as ruas continuam escuras e a falta d'água é comum. A população é humilde, desde assalariados, agricultores a trabalhadores autônomos, além de desempregados à espera de oportunidades, são pessoas com o grau escolar baixo.

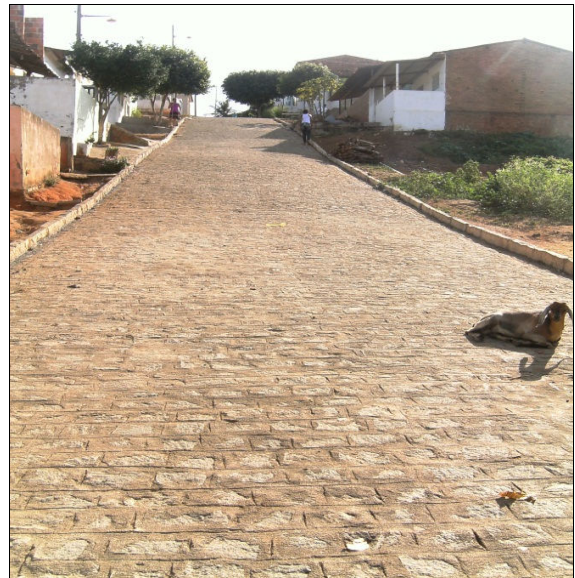
Damiana Gomes da Silva de 45 anos, dona de casa, moradora na Rua Pedro Franselino (Buraco do Afonso), já há vinte anos alega que, existem muitos problemas na localidade. Um dos grandes exemplos é pelo fato do caminhão de lixo não passar na rua, onde os moradores têm de deixar seu lixo no início desta já que o local é enladeirado com caminho estreito. Afirma ainda essa moradora que, além disso, não há limpeza com frequência, onde os moradores ajudam a piorar a situação.

Além da ausência da rede de esgoto e lixo não são os únicos problemas enfrentados pelos residentes do local, existe ainda o problema da estrutura das casas, alguns moradores entrevistados em dias de pesquisa *in loco* alegaram que suas casas estão em condições péssimas, vai gestão e vem gestão e os mesmos não receberam suas casas. A partir disso, têm que morar de aluguel, pelo fato de suas casas estarem em condições inabitáveis.

Outra dificuldade comum na localidade refere-se ao muro de arrimo construído pela Prefeitura, que está com infiltração e segundo os moradores era melhor sofrer com o acúmulo sedimentos vindos da parte do terreno acima, do que convivendo com o medo do muro cair por cima das casas. Este terreno pertence ao loteamento Monte das Oliveiras em trabalho de construção de casas, onde a poeira causa muito transtorno à população, pois são as crianças e os idosos que mais sofrem.

4.4.3 MORRO DO CUSCUZ

O Morro do Cuscuz localiza-se a norte de Guarabira, a leste com o Bairro Novo ao sul com o Hotel Victor Center e a oeste com o Bairro do Cordeiro. Altitude de 207 metros. O nome do aglomerado foi dado pelos próprios moradores ao terem o costume de preparar no início da noite cuscuz e sempre no mesmo horário, onde o mesmo exala o cheiro por todo o morro. O lugar tem 40 moradias, sendo 3 em estado de abandono, é habitado por 37 famílias e uma população aproximada em 111 moradores (Fotos 15 e 16).



Fotos 15 e 16: Vista parcial do Morro do Cuscuz. Bairro Novo/ Guarabira-PB. Fonte: da autora (Março, 2011).

De acordo com a aposentada Maria do Carmo da Silva de 73, moradora há trinta e três anos na Rua Nilo Pequeno de Moura, ao comprar seu terreno e construir sua moradia, havia apenas três casas de taipa e, com o passar dos anos, foi sendo habitada por outras famílias vindas de outros bairros da cidade. A aposentada acredita que a área tenha 40 anos de ocupação.

A agressão ambiental do lugar é um fato desde o início da ocupação, que ocorreu de forma desordenada e degradadora. O terreno é acidentado e as ruas são estreitas e desalinhadas. Mas os moradores possuem água encanada, coleta de lixo e energia. A população vive com um salário mínimo, outros tiram seu sustento do que ganham na criação de animais, na comercialização de produtos e nos trabalhos autônomos do comércio da cidade.

Apesar do Morro do Cuscuz ser considerado um aglomerado subnormal está inserido em um bairro nobre da cidade de Guarabira, com um dos metros quadrados mais caros e valorizados da cidade. Nota-se que os contrastes econômicos e sociais estão presentes. Um espaço dividido em duas realidades distintas e com suas características diferenciadas, pois de um lado pessoas que vivem com padrões de vida elevados e de outro lado, com dificuldades bastante notórias.

A população do lugar mora na vertente esquerda do rio Guarabira, em área de morro anteriormente coberta por mata ciliar. A retirada dessa vegetação contribuiu para o aumento de processos erosivos tais como, ravinas e voçorocas. O material carregado vai sendo depositado no leito menor do rio, formando verdadeiras ilhas. Os efluentes produzidos nas residências são lançados morro abaixo, assim como os dejetos sólidos, que vão se juntar as águas do rio Guarabira e provocar a sua poluição. Pessoas transitam o tempo todo no rio, assim como os animais, onde muitos ficam doentes por causa da presença desses vetores.

O esgoto doméstico está presente nas ruas do Morro do Cuscuz, fato que compromete a saúde da população. No Bairro Novo, onde se localiza o aglomerado verifica-se a presença de dejetos líquidos que são lançados valas de esgotos vindos de outras áreas para contribuir ainda mais no quadro de degradação ambiental (SILVA, 2004). Existe no lugar criação de porcos, onde os criadouros se localizam na margem do rio e ficam durante os dias soltos, deixam suas fezes espalhadas. Esses animais trazem grandes incômodos à população por causa do mau cheiro provocado por suas fezes e urinas (Fotos 17 e 18).



Fotos 17 e 18: Má qualidade ambiental vivenciada pelos moradores. Morro do Cuscuz, Bairro Novo/ Guarabira-PB.

Fonte: da autora (Março, 2011).

O crescimento acelerado da cidade, somado às políticas públicas ineficientes, também contribuiu para que a população ocupasse este espaço. Ao longo do adensamento urbano os lotes tendem a surgir e ao modo que vão sendo ocupados, surgem várias alterações no terreno urbanizado do lugar. Seu crescimento relaciona-se aos moldes de desenvolvimento como qualquer um dos bairros periféricos da cidade de Guarabira. O caráter de desordem de uma área reflete a realidade de uma apropriação sem controle na reprodução do espaço de uma sociedade inteira.

4.4.4 RABO DA LACRAIA

O Rabo da lacraia é um aglomerado subnormal que está inserido no Bairro do Nordeste I na porção leste de Guarabira. Tem uma altitude de 121 metros. A localidade tem 28 residências e uma população aproximada de 112 moradores (Fotos 19 e 20).



Fotos 19 e 20: Rua Paulino Pinto. Rabo da Lacreia, Bairro Nordeste I/ Guarabira-PB.
Fonte: da autora (Fevereiro, 2011).

O morador Valmir Rogério de 34 anos, comerciante e servente, residente na Rua Paulino Pinto, popularmente conhecida como Rabo da Lacreia, desde que nasceu, afirma que os problemas são muitos, inclusive quando o local não tinha a rua calçada e por haver mais precariedade. Tinha terreno muito íngreme e levava risco à população, suas habitações eram de taipa. Com o passar dos anos foram surgindo casas de

alvenaria. Apesar das melhorias, problemas de ordem econômica, social e ambiental se fazem presentes. Um exemplo de ordem ambiental está relacionado à encosta na parte superior da rua, sujeita a desabamentos sempre que ocorrem chuvas.

O lugar tem terreno acidentado composto apenas pela Rua Paulino Pinto a qual é desalinhada, o calçamento foi colocado em 2008 e a mesma é muito estreita, onde não tem como passar veículos. O aglomerado é beneficiado com água encanada, luz elétrica e não é realizada a coleta de lixo, pois os moradores têm de colocar suas sacolas de lixo em outra rua para que a coleta seja realizada.

A população é de baixa renda e algumas famílias dependem do Programa Bolsa Família para complementar a renda mensal, mas boa parte exerce trabalhos autônomos no comércio da cidade, outra sobrevive com um salário mínimo, e outra forma o grupo de desempregados. De acordo com os moradores entrevistados nos dias de pesquisa na área, informaram que existem algumas pessoas usuárias de drogas e muitos adolescentes furtam e roubam na própria localidade.

O Bairro do Nordeste I tem rede de esgoto, mas os moradores, que residem no Rabo da Lacreia convivem com as más instalações, pois os resíduos sólidos vindos da encanação invadem a parte mais baixa da área por não ter sido feita de forma embutida, ou seja, a água de esgoto desce livremente pela rua, e exala mau cheiro por toda área do lugar.

Outro grande problema se refere à uma obra efetivada pela Prefeitura Municipal de Guarabira. Para tentar resolver os problemas como invasão de água nas residências da população residente da parte mais baixa. Trata-se de um muro que já teve vários reparos e tem muitas infiltrações. Em épocas de inverno a água da chuva invade as casas do lado inferior do Rabo da lacraia, não exclusivamente pelas infiltrações, mas por já existir uma inundação dessa área. Por trás desse muro tem-se a passagem do Rio Guarabira e os esgotos produzidos são mais um somatório para o rio poluído, onde já houve vários desmoronamentos de sedimentos.

Existe ainda a queima de entulhos, desde móveis velhos e até o próprio lixo produzido semanalmente pelos residentes. Por não haver uma salubridade satisfatória no aglomerado e principalmente nos quintais das residências, as famílias sofrem com a presença de insetos e animais peçonhentos e ratos pelos ambientes das casas.

4.4.5 VILA PADRE CÍCERO E MORRO DO FORMIGUEIRO

A Vila Padre Cícero localiza-se a noroeste de Guarabira e limita-se com o Sítio Lajes ao norte, Sítio Boqueirão ao sul, Comunidade Talita ao leste e Sítio Boqueirão a oeste (MELO, 2007). Tem altitude de 120 metros. O Morro do Formigueiro localiza-se na Vila Padre Cícero e sua respectiva elevação é de 181 metros. A Vila Padre Cícero tem um número de 309 habitações e uma população aproximada em 450 moradores. Já o Morro do Formigueiro se concentra apenas 17 casas e uma população estimada de 68 residentes (Fotos 21 e 22).



Fotos 21 e 22: Vista da Vila Padre Cícero e Morro do Formigueiro/ Guarabira-PB.
Fonte: da autora (Março, 2011).

As casas foram construídas em terreno próprio, onde cada morador comprou seu lote de terra para morar. No início da ocupação a maioria das habitações era de taipa, mas aos poucos foram surgindo as construções de alvenaria.

O lugar, antes da posse do terreno, era composto de sítios e hoje a realidade vem sendo alterada pela intervenção humana desenfreada, pois onde se localizavam a flora e a fauna, hoje têm habitações totalmente irregulares e desestruturadas. Estas áreas têm forte presença de vegetação com mata nativa, das quais vêm passando pelos últimos tempos por uma forte transformação, através da ação humana.

O ambiente de ambas as áreas é bastante acidentado e irregular, as ruas são desalinhadas, estreitas e compostas de muitos becos e ruelas e a presença de

calçadas é muito rara. Foi realizada pela Prefeitura Municipal a ligação da rede de esgoto, só que os moradores não fazem a ligação do mesmo. Têm assistência de água encanada, luz elétrica e coleta de lixo, onde no Morro do Formigueiro não é realizada a coleta de lixo por se tratar de uma área bastante elevada da vila e os caminhões de lixo. O índice de violência é elevado e existem muitas famílias que dependem de ajuda do Programa Bolsa família do Governo Federal.

O fato do caminhão de lixo não atingir determinadas ruas, que os moradores começam a colocar seus resíduos sólidos nas ruas mais baixas, ou então fazem a queima do lixo ou mesmo depositado a qualquer modo perto das residências como uma alternativa de resolver o problema.

De acordo com o depoimento da moradora Maria Eliane dos Santos de 41 anos, doméstica, residente na Rua Camilo de Melo há 29 anos, o que seria necessário para melhorar a situação da Vila seria doações de casas para a população carente, já que as mesmas estão em estados precários. Conta a moradora que espera da Prefeitura a reforma de sua casa, mas até agora a espera complica ainda mais. Sua habitação está em péssimas condições sanitárias, o esgoto é a céu aberto, as paredes rachadas estão prestes a cair, A entrevistada teme pelo neto recém-nascido.

O ambiente, além de ser cercado por exposição de lixo é rodeado por animais e pragas como, por exemplo, rato, barata, muriçoca. Além desses problemas, outro que merece destaque se refere ao lançamento de esgoto a céu aberto com um odor muitas vezes insuportável. Algumas casas ainda preservam um caráter desumano e insalubre com os banheiros fora das habitações sem nenhuma higiene realizada pelos moradores. (Fotos 23 e 24).



Fotos 23 e 24: Esgoto a céu aberto na Vila Padre Cícero e Morro do Formigueiro/ Guarabira-PB. Fonte: da autora (Março, 2011).

A partir disso, este problema só vem a somar com os danos existentes no lugar. Os moradores entrevistados indagaram que houve momentos de pessoas adoecerem por causa da má qualidade do ambiente, com casos de dengue, mas não têm assistência adequada. Por se tratar de áreas com características rurais e distantes da cidade o abandono por parte do poder público local, torna-se mais evidente.

O fato é que são os idosos e as crianças que mais sofrem com a falta de infraestrutura. No caso das crianças, estas têm com frequência verminose, justamente por andarem sempre de pés no chão, em contato com esgoto.

Outro problema em evidência é a poluição do Rio Guarabira, que se encontra em elevada degradação das águas, com a presença de esgoto e lixo lançados no perímetro perto das residências.

Segundo o senhor Ivaldo Elesbão de 35 anos, agricultor, morador no Morro do Formigueiro, referente aos anos do seu nascimento na área, falta com muita frequência água por causa da elevação da localidade, mas o problema é resolvido com a bomba d'água localizada na parte mais plana da Vila Padre Cícero, mas nem sempre a bomba tem força suficiente para que os moradores disponham deste recurso. Assim, suas casas são abastecidas com a água fornecida pelas cacimbas.

Como os moradores das duas áreas recebem apoio do Programa Bolsa família, já que muitos são agricultores, plantam apenas para sua sobrevivência ou o que sobra,

vendem na feira de Guarabira. Fazem plantação com frequência de açafião e outros cultivos, mas por causa dos furtos existentes não variam muito para não terem perdas.

A questão da degradação ambiental urbana existe não apenas por causa de uma camada pobre, pois não há uma camada social que possa ser culpada por esses impactos negativos. Existem de fato, por causa da falta de conscientização do homem que age de forma impensada, seja ele pobre ou rico. Mas se formos avaliar esta questão, ela é de fato uma realidade só que não a única explicação para tal fato. Existem por trás disso, realidades de uma cidade um tanto variada a começar pelo despreparo das prefeituras para receber determinado contingente populacional.

4.5 Aglomerados subnormais em áreas de relevo plano

As áreas subnormais de relevo plano são: Conjunto Ana Kelly, Conjunto Antônio Mariz, Conjunto Frei Damião de Bozzano, Conjunto Lucas Porpino, Conjunto Nossa Senhora Aparecida, Conjunto Mutirão, Faixa da Pista e Encruzilhada.

Os lugares de ocupação irregular devem ser entendidos no que se refere à sua produção e apropriação. Por se tratar de uma cidade capitalista, as áreas livres, as quais são destinadas à proteção ambiental são substituídas por casas sem estruturas e comprometidas, onde causam um grande desrespeito à natureza, à Legislação Ambiental e às Políticas Públicas do Meio Ambiente.

Por se tratar de ambientes planos, mas não menos impactantes, trazem consigo uma herança marcada pela exclusão social e ambiental, através de seu desenvolvimento em terreno mais favorável não livrou de surgir áreas irregulares na cidade de Guarabira.

4.5.1 CONJUNTO ANA KELLY

O Conjunto Ana Kelly localiza-se a Sudoeste de Guarabira e limita-se com o Conjunto Assis Chateaubriand ao norte e a leste, Clóvis Bezerra ao sul e com a PB-073 a oeste. O aglomerado tem uma altitude de 91 metros. Tem 31 residências e população de 155 moradores. O lugar era conhecido popularmente como “Beira da Linha”, por ainda existir a antiga linha férrea da cidade. Seu nome é em homenagem a uma adolescente que teve morte drástica em 2001 (Fotos 25 e 26).



Fotos 25 e 26: Vista parcial do Conjunto Ana Kelly e localização da antiga linha férrea da cidade. Conjunto Ana Kelly/ Guarabira-PB. Fonte: da autora (Abril, 2011).

De acordo com MELO (2007) o conjunto foi construído com o objetivo de retirar a população que habitava na Encruzilhada, exatamente no trecho em frente ao terreno do qual seria construído o Parque de Exposição Diógenes de Aquino, no Bairro Distrito Industrial da cidade.

O aglomerado tem uma pequena área, ocupa apenas a Rua Projetada, está concentrada em uma área plana, pavimentada e alinhada, não dispõe de rede de esgoto. Tem água encanada, luz elétrica e recebe coleta de lixo. Hoje parte dos moradores que receberam suas casas em doação já não moram no conjunto, ou seja, venderam e voltaram para suas antigas casas, os que estão lá morando vieram de outras partes da cidade.

A senhora Josefa de Fátima Barbosa de 40 anos, dona de casa, moradora do conjunto há 4 anos, afirma que a população recebeu doação da CEHAP (Companhia Estadual de Habitação Popular). Mas os moradores deveriam ser fiscalizados pelos órgãos que doam essas moradias, para evitar a venda dos imóveis.

Alguns moradores fazem cultivos agrícolas em seus quintais, além da criação de animais, porém desconhecem os cuidados que deveriam ter para não agredir o ambiente, pois jogam lixo e fazem sua queima, comprometendo a fertilidade do solo para o plantio (Fotos 27 e 28).



**Fotos 27 e 28: Rua Projetada e estado dos quintais com esgotos a céu aberto. Conjunto Ana Kelly/ Guarabira-PB.
Fonte: da autora (Abril, 2011).**

O conjunto tem seus moradores assistidos pelos serviços do PSF do Conjunto Clóvis Bezerra e são cadastradas pelos Agentes de Saúde a receberem assistência do Governo Federal, através do Programa Bolsa Família. A Pastoral da Criança faz um trabalho muito importante com os filhos dos moradores, prestando serviços de orientação psicológica, religiosa, higiene, etc.

4.5.2 CONJUNTO ANTÔNIO MARIZ

O Conjunto Antônio Mariz se localiza ao sul de Guarabira e limita-se a norte com a PB 057, ao sul com o Distrito Industrial, a leste com o Conjunto Lucas Porpino e a oeste com o Conjunto Clóvis Bezerra. Sua altitude corresponde a 96 metros. Tem 84 residências e população aproximada em 336 moradores. (Fotos 29 e 30).



Fotos 29 e 30: Vista do início do aglomerado e Rua Projetada. Conjunto Antônio Mariz/ Guarabira-PB.

Fonte: da autora (Maio, 2011).

De acordo com a moradora Maria Vânia Matias de Lima de 36 anos, dona de casa, moradora no conjunto há 8 anos, o local tem existência pouco mais de 10 anos. A população que veio de outras localidades da cidade se apossaram e poucos compraram lotes na área para construir as suas residências e pelo fato de muitas famílias não terem condições financeiras, ganharam casas do Governo do Estado. Através da expansão de novos moradores, criou-se o Conjunto Antônio Mariz, conhecido popularmente como “Cangote do Urubu”. Expressão que causa desconforto aos seus residentes.

O Conjunto Antônio Mariz não tem uma área muito extensa, as ruas principais são desalinhadas e calçadas e boa parte já não se encontram em bom estado. As que não receberam ainda calçamento, os moradores convivem constantemente incomodados com a lama e a poeira presentes na área. O conjunto tem água encanada, luz elétrica e coleta de lixo.

Os residentes são assistidos pela Unidade Básica de Saúde Naná Porpino PSF Conjunto Clóvis Bezerra e parte dessa população é cadastrada pelos agentes de saúde no Programa Bolsa Família do Governo Federal. As famílias da localidade realizam trabalhos autônomos, criam animais e outras sobrevivem com um salário mínimo. De acordo com os entrevistados o índice de violência é baixo.

Pela estrutura do lugar ainda com espaços vazios, presume-se que daqui a algum tempo venham surgir mais habitações para aumentar mais o número de becos e ruelas. Notou-se, pela pesquisa *in loco*, o quanto as casas que estão sendo construídas atualmente não têm estruturas físicas adequadas para moradia. Isso compromete a cada dia o meio ambiente e o próprio homem.

As pessoas que moram nas ruas sem calçamento são os que mais sofrem com as pressões ambientais, pois são elas as grandes responsáveis pela situação. Jogam constantemente lixo em seus quintais, além da presença do esgoto a céu aberto e do acúmulo de entulhos.

As crianças andam livremente em terrenos baldios e em construção e também estão diariamente em contato com esgoto nas ruas do aglomerado. Foi realizada no conjunto a obra da rede de esgoto, mas muitas casas não fizeram a ligação desse benefício para melhorar o ambiente. Todos sentem a necessidade de um Posto Policial, área de lazer, melhoria na iluminação, calçamento e arborização. Essas obras ao serem realizadas irão minimizar os problemas presentes do Conjunto Antônio Mariz.

4.5.3 CONJUNTO FREI DAMIÃO DE BOZZANO

O conjunto Frei Damião de Bozzano localiza-se ao norte de Guarabira, próximo às mediações da Ladeira do Tororó e cercado pelo Bairro São José. Sua altitude é de 227 metros. Tem 47 casas todas ocupadas por moradores e número aproximado de 118 residentes (Fotos 31 e 32).



Fotos 31 e 32: Ruas Projetadas. Conjunto Frei Damião de Bozzano/ Guarabira-PB.
Fonte: da autora (Março, 2011).

De acordo com o depoimento da moradora Maria da Luz Martins de 44 anos, dona de casa, as terras que hoje se concentra o conjunto era um sítio sua família que perdeu o direito ao terreno Escritura Pública. A Prefeitura, através do trabalho de urbanização, doou casas para as pessoas carentes, que já habitavam ali em seus casebres de taipa, foram reformados em casas de alvenaria, posteriormente.

O lugar foi criado com o intuito de melhorar as condições de insalubridade das quais viviam a população residente, onde não havia uma infraestrutura adequada que pudesse atender as necessidades de seus moradores.

Segundo MELO (2007) as pessoas que habitam o lugar viviam sob condições subhumanas, onde ficava uma grande quantidade de esterco de gado vindos do matadouro público. O acesso era difícil e corria um pequeno riacho entre o matadouro e as habitações. Ao matar os animais corria sangue para todos os lados, tanto dessa área quanto para o Bairro São José.

O aglomerado está localizado em terreno plano, tem apenas três ruas projetadas, onde muito estreitas e sem calçadas. Segundo os moradores entrevistados as ruas servem de comércio para a venda de drogas e o cheiro da maconha torna-se insuportável às vezes, no entanto o índice de violência ainda é baixo. O lugar é assistido por água encanada, energia elétrica e coleta de lixo, mas assim como tantos outros conjuntos habitacionais não têm rede de esgoto.